

Resenha

Elódia Xavier – Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Elódia Xavier – What kind of body is this? The body in the female imagination. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Elódia Xavier – ¿Qué clase de cuerpo es este? El cuerpo en la imaginación femenina. Río de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Maria do Rosário Alves Pereira^{1*}  

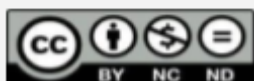
Citação: Pereira, M. R. A. (2026). Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino [resenha]. *InterteXto*, 18.

Editor: Priscila Marques Toneli

Recebido: 01dez. 2025

Aceito: 10 mar. 2026

Publicado: 31 mar. 2026



Texto sobre copyright.



1. Professora dos cursos técnicos, da graduação em Letras e da Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

** Autor correspondente: mariadorosario58@gmail.com

Resumo: Esta resenha visa a apresentar o livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, de Elódia Xavier (Oficina Raquel, 2021). Trata-se de uma segunda edição ampliada da obra, editada originalmente em 2007, e ela propõe-se a construir uma espécie de “tipologia do corpo”, a partir de um estudo sociológico de Arthur Frank, em romances e contos de autoria feminina brasileira. Passando por categorias como corpo invisível, corpo subalterno e corpo liberado, dentre outras, o esquema teórico elaborado vai desde obras e autoras muito conhecidas, como Clarice Lispector e seu *A hora da estrela*, até outras não tão estudadas na Academia, como Alina Paim, escritora que só mais recentemente vem sendo estudada em congressos que debatem a autoria feminina. Assim, a obra é instigante e fundamental, ao apresentar um panorama de corpos que refletem desde amarras sociais até práticas mais liberais por parte de personagens diversas.

Palavras-chave: Corpo feminino. Literatura. Gênero. Elódia Xavier.

Abstract: This review aims to present the book *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, by Elódia Xavier (Oficina Raquel, 2021). It is a second, expanded edition of the work, originally published in 2007, and it proposes to construct a kind of “typology of the body,” based on a sociological study by Arthur W. Frank, through the analysis of Brazilian novels and short stories written by women. Moving through categories such as the invisible body, the subaltern body, and the liberated body, among others, the theoretical framework developed ranges from very well-known works and authors, such as Clarice Lispector and her novel *A hora da estrela*, to others less frequently studied in academia, such as Alina Paim, a writer who has only more recently begun to receive attention at conferences dedicated to discussing women’s authorship. Thus, the work is both stimulating and fundamental, as it presents a

panorama of bodies that reflect everything from social constraints to more liberal practices enacted by a range of different characters.

Keywords: Female body. Literature. Gender. Elódia Xavier.

1. Referência da obra resenhada:

ELÓDIA XAVIER – Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

2. Resenha

Em 2007, tive a oportunidade de resenhar uma obra ímpar sobre produções literárias de autoras nacionais; o livro logo se esgotou e, felizmente, chegou ao mercado em uma nova edição ampliada pela Oficina Raquel em 2021. Trata-se de *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, de Elódia Xavier. O currículo da autora é amplo e aponta para uma prolífica atuação no que se refere ao mapeamento de textos de literatura de autoria feminina brasileira e aos estudos de gênero em geral. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo, é professora aposentada pela UFRJ.

Elódia Xavier, renomada estudiosa de Literatura Brasileira, traz a público uma obra singular acerca do corpo e suas representações. Ela constrói, de modo crítico e ousado ao mesmo tempo, uma espécie de “tipologia do corpo”, a qual se baseia em um estudo sociológico de Arthur Frank. No entanto, a pesquisadora amplia as formulações do estudioso, apontando possibilidades de leitura no campo literário de autoria feminina. Romances e contos nacionais, do início do século XX até a atualidade, são utilizados para exemplificar tais categorias, mostrando a representação do corpo como local de inscrições culturais, políticas e sociais, temática muito pertinente na contemporaneidade.

Em seu prefácio à obra, Antonio Carlos Secchin chama a atenção para a “eficácia operacional da categorização temática” que, para além de ser meramente normativa, considera a noção de corpo em sua concretude histórica, e não biológica, como tradicionalmente se concebe. Partindo do pressuposto de que a análise da representação dos corpos pode auxiliar no entendimento das práticas sociais que os rodeiam, Elódia Xavier estabelece relações instigantes com a literatura e tangencia teorias consagradas, como o estudo de Pierre Bourdieu, *A dominação masculina*, e o de Michel Foucault, *Vigiar e punir*, dentre outros. As dez categorias que a pesquisadora estabelece são as seguintes: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado e corpo liberado.

No capítulo sobre o corpo invisível, são abordados o romance *A intrusa*, de Júlia Lopes de Almeida, no qual a protagonista, Alice, mesmo sendo uma presença quase “imaterial”, conquista Argemiro; e o conto “Muslim: woman”, de Marilene Felinto. Neste texto, a tensão entre ser vista, reconhecida, e se esconder, em paralelo com as diferenças culturais que se apresentam no encontro da mulher ocidental com a muçulmana, dão a tônica ao texto. A mulher ocidental em crise vê na cultura oriental símbolo de proteção, e permanece resignada, à semelhança da outra. Quanto à representação do corpo subalterno, a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, e o conto de Wanda Fabian, “Mulher debaixo do cofre”, são analisados. As personagens são mulheres que sempre permanecem em “segundo plano” na sociedade e ocupam um lugar de subalternidade, seja esse lugar econômico, da indigência social, ou no microcosmo familiar. Ainda que se utilize de estratégias completamente diferentes para demarcar tal subalternidade, o estudo de Elódia Xavier demonstra que em ambos os textos há sempre um alguém que empreende a espoliação desse corpo feminino.

Uma das características que tornam a leitura de *Que corpo é esse?* ainda mais interessante, aliás, é o fato de a pesquisadora se valer de textos literários os mais variados, conhecidos ou não do grande público e da Academia, e que refletem nuances e contextos sociais diversificados, mostrando os mecanismos capazes de manter o corpo feminino em seu lugar de submissão, ou mostrar como ele consegue se liberar das amarras sociais empreendidas por uma sociedade ainda patriarcalista e falocêntrica. No que diz respeito ao corpo disciplinado, há uma espécie de “gradação” nos textos que se apresentam: a primeira obra estudada, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, reflete esse corpo disciplinado em toda sua inteireza. Macabéa é previsível, e sua carência é mantida pela disciplina, como bem o demonstra Elódia Xavier. A subordinação às regras é plena, e as relações de dominação são vistas como naturais. Saliento que, neste corpo disciplinado, tem-se um aspecto que o diferencia do corpo subalterno: não há autoconsciência em Macabéa, ela apenas reproduz estruturas e discursos, ao passo que Carolina Maria de Jesus, por exemplo, questiona o sistema e sua condição subalterna.

O segundo texto analisado na categoria corpo disciplinado é “*I love my husband*”, de Nélida Piñon: há toda uma disciplina a ser seguida no casamento, reforçada pelo desfecho do conto – “Ah, sim, eu amo meu marido” –, pois amar o marido faz parte do automatismo da vida, constituinte desse corpo disciplinado. Porém – e aqui volto à ideia de “gradação” –, há momentos de indisciplina, de “voos de pássaro”, ainda que ela se sinta culpada e retome a disciplina habitual, o que nunca ocorre com Macabéa. Em “*A confissão de Leontina*”, de Lygia Fagundes Telles, no passado da protagonista encontra-se a “aprendizagem da submissão”, mas a raiva contra o sistema emerge violentamente quando ela, quase sem querer, mata o homem que lhe exigia sexo em troca de um vestido. Aqui não há meros “voos de pássaro”, como no texto de Nélida Piñon, mas uma reação brusca contra essa disciplina há anos perpetrada contra esse corpo.

Note-se que a seleção do corpus e a sequência como ele se apresenta não é involuntária: Elódia Xavier acaba por demonstrar que todos os corpos são disciplinados desde a infância/juventude, e tal disciplina é reforçada pelas instituições sociais, a família, a Igreja, a mídia... Em Macabéa, é a tia, o rádio e os anúncios de propaganda que a conformam à estrutura social; a protagonista de “*I Love my husband*” tem um pai coercitivo que a “entrega” àquele que deveria ser o senhor da sua vida, o marido, referendado pelos laços que “atam” um ao outro, os laços matrimoniais da Igreja; enquanto a mãe de Leontina trabalhava dia e noite, ela cuidava da casa para assegurar os estudos do primo. Ou seja, além da pertinência dos textos selecionados, Elódia estrutura uma argumentação que desperta reflexões no leitor, o que salienta ainda mais as qualidades de sua pesquisa, que, ao contrário de esgotar temas ou leituras, fornece novas bases para estudos futuros.

O corpo disciplinado caminha para o corpo imobilizado, aquele no qual a disciplina se impõe de tal modo que ele não esboça nenhuma reação, como em “*O Pai*”, de Helena Parente Cunha, e “*É a alma, não é?*”, de Marina Colasanti. Já os corpos envelhecido e refletido guardam relações com a sociedade que os cerca: no corpo envelhecido é a inexorável passagem do tempo que deixa marcas. Na sociedade de consumo, na qual o idoso é visto em segundo plano, a mulher idosa o é mais ainda, pois sua imagem, muitas vezes associada à beleza e ao erotismo, degrada-se. Elódia Xavier estuda *As horas nuas*, de Lygia Fagundes Telles, e alguns contos de Clarice Lispector, mais detidamente “*Feliz aniversário*”. Já o corpo refletido, como o próprio nome assinala, é aquele que reflete o que está ao seu redor, ou seja, o próprio consumo, e, como exemplo, a pesquisadora comenta *A sombra das vossas asas*, de Fernanda Young, e “*Finisterre*”, de Nélida Piñon. Mais uma vez, a escolha dos textos é bem-sucedida, pois se o romance mostra um corpo refletido negativo, que se vale de toda a parafernália tecnológica da estética para alcançar seu amor mas, ao final, continua infeliz, no conto a personagem reflete o mundo que a cerca positivamente, ao incorporar a cultura do outro numa viagem à Galícia.

No capítulo sobre o corpo violento, são estudadas as personagens Rísia, de *As mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto, e Maria Moura, do romance de Rachel de Queiroz. Essa categoria de corpo é muito interessante, pois demonstra que a violência não é um privilégio masculino, e a suposta passividade e docilidade do sexo feminino caem por terra na representação dessas mulheres

guerreiras. Digno de nota, ainda, é o fato de que a reificação do corpo feminino também é objeto de estudo através da representação do corpo degradado. Elódia trabalha com as personagens femininas de Márcia Denser, mostrando que o espaço, o sexo, tudo é degradado nesses corpos em busca de uma libertação; mas só conseguem, ao final, escravizar-se ainda mais. O mesmo desejo de libertação está em Ana Clara, de *As meninas*, romance de Lygia Fagundes Telles. A infância degradada e a ausência de uma família estável contribuem para que a personagem se envolva com drogas, o que a leva à morte.

Paralelamente a esse corpo que se degrada há um outro, erotizado, ainda que este seja um dado recente na prosa de autoria feminina, como bem salienta a estudiosa, por uma série de conjunturas histórico-sociais. O corpo erotizado que vive sua sexualidade de modo pleno aparece na narrativa de Heloísa Seixas, mas o erotismo como promessa não cumprida também vem sendo abordado pelas escritoras na contemporaneidade. É o caso de “O leopardo é um animal delicado”, de Marina Colasanti. Já em “As cerejas”, de Lygia Fagundes Telles, o objeto que dá título ao conto simboliza o primeiro contato da protagonista ainda menina com o erotismo, lembrança que perdura até a idade adulta. Porém, liberar-se sexualmente não é tudo. As mulheres querem também ser sujeitos de sua própria história, daí a representação, principalmente a partir da década de 1990, do corpo liberado na narrativa ficcional feminina. A sentinela, de Lya Luft, ilustra esse corpo, pois Nora, a protagonista, abandona uma vida de certezas por uma vida de imprevistos, mas repleta de novas possibilidades, conforme salienta Elódia. O romance de Marta Medeiros, *Divã*, também ilustra esse corpo liberado.

Nesta edição ampliada, foram acrescentados dois novos estudos, um sobre Alina Paim, escritora nascida em Sergipe que vem sendo mais estudada e até homenageada em congressos que debatem a autoria feminina; e outro sobre Ana Maria Machado, escritora carioca ganhadora de inúmeros prêmios e mais conhecida por sua atuação no campo da literatura infantil, mas que também possui uma produção de romances que merece ser considerada. Como se percebe, a obra estabelece um percurso pelas narrativas de autoria feminina: da mulher que inexistente como sujeito do próprio destino até aquela que almeja e conquista a liberdade em sentido amplo. Do início do século XX até a contemporaneidade, através dessa amostra com a qual nos brinda Elódia Xavier, percebem-se as transformações por que passa esse corpo – ou esses corpos? – feminino. O leitor encontrará nessa obra o prazer de uma leitura fluida e o convite à (re)descoberta de obras de autoria feminina capazes de instigar novas pesquisas. Além disso, o livro provoca reflexões acerca da presença e dos múltiplos significados do corpo na literatura escrita por mulheres, sem, contudo, esgotar o tema. Elódia Xavier nos brinda com este belo estudo, contribuição fundamental aos estudos de gênero.

Referências

Xavier, E. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.